

Competência interacional e co-construção de sentidos: uma análise dos comportamentos verbais e não-verbais de participantes de um debate eleitoral

Interactional competence and co-construction of meanings : an analysis of the verbal and non-verbal behaviors of participants in an electoral debate

Gustavo Ximenes Cunha¹

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

ximenescunha@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0001-9953-1204>

Resumo: Este estudo tem por objetivo analisar os comportamentos verbais e não-verbais adotados por participantes de um debate eleitoral. Para realizar esse estudo, adotamos os princípios teóricos e analíticos de abordagem teórico-metodológica em desenvolvimento no âmbito do Grupo Interaction & Formation, sediado na Universidade de Genebra. Essa abordagem concebe a linguagem como instrumento de coordenação de ações coletivas e como um recurso que permite aos interlocutores não apenas comunicarem saberes, mas sobretudo negociarem esses mesmos saberes, transformarem o ambiente em que se inserem e posicionarem-se uns em relação aos outros, construindo conjuntamente imagens identitárias e desenvolvendo sua competência interacional. Adotando os conceitos, as articulações teóricas e os métodos propostos no âmbito desse grupo, este estudo analisa um fragmento do último debate eleitoral da campanha de 2018 à Presidência da República do Brasil. Com a análise, foi possível evidenciar de que maneira os participantes se valem da linguagem verbal e não-verbal para fazerem emergir expectativas que subjazem ao encontro, revelando seu caráter regrado e sócio-historicamente constituído, e negociarem essas mesmas expectativas, evidenciando que os sentidos e a própria interação são fenômenos emergentes, flexíveis e altamente contextualizados.

Palavras-chave: interação; competência interacional; debate eleitoral.

Abstract: This paper aims to analyze the verbal and non-verbal behaviors adopted by participants of an electoral debate. To carry out this study, we adopted the theoretical and analytical principles of a theoretical-methodological approach developed by the Interaction & Formation Group, based at the University of Geneva. For this approach, language is an instrument for coordinating actions and a resource that allows interlocutors

¹ Professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN/UFMG). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

to communicate and negotiate knowledge, establish social links and transform the environment they are in, jointly building identity images and developing their interactional competence. Adopting the concepts, theoretical articulations and methods proposed by the group, this study analyzed an excerpt from the last electoral debate of the 2018 campaign for the Presidency of the Republic of Brazil. With the analysis, it was possible to observe that the interlocutors use verbal and non-verbal language to reveal expectations related to the context, showing its ruled, social and historical character, and to negotiate these same expectations, revealing that the meanings and the interaction itself are emerging, flexible and highly contextualised.

Keywords: interaction; interactional competence; electoral debate.

Introdução²

Na perspectiva interacionista dos estudos da linguagem, a análise dos aspectos verbais e não-verbais da interação visa a compreendê-los enquanto recursos para a (inter)ação, adotando, por isso, uma concepção praxiológica da linguagem (Filliettaz, 2000, 2006). Sob essa ótica, os itens da língua, mesmo aqueles pertencentes a domínios que tradicionalmente são objeto de estudo sistemático da chamada linguística da língua (fonética, morfologia, sintaxe), em oposição a uma linguística do discurso (Benveniste, 1976), constituem não só recursos de que os interlocutores se valem para interagir, mas ainda recursos cuja funcionalidade mesma e cuja sistematicidade mesma podem ser alvo de negociações ao longo da interação (Mondada, 2019). Por isso, na perspectiva interacionista, interessa investigar a língua em uso, a forma como ela se relaciona com outros modos (gestual, corporal, material, etc.), bem como a maneira como esse uso é parte da competência interacional dos interlocutores (Mondada, 2006, Pekarek-Doehler, 2006, Filliettaz, 2019).

A despeito das diferenças teóricas e metodológicas que as particularizam, diversas abordagens se inserem na perspectiva interacionista³. Este estudo filia-se a uma abordagem que vem sendo desenvolvida no âmbito do Grupo *Interaction & Formation* (doravante Grupo I&F), liderado pelo professor Laurent Filliettaz e sediado na Universidade de Genebra. Fortemente influenciada pela análise da conversa de orientação etnometodológica (Schegloff, 2007), pela sociolinguística interacional (Gumperz, 1982) e pela microsociologia de Erving Goffman (1983), essa abordagem, cujos princípios mais gerais serão expostos no próximo item, compreende as interações, ao mesmo tempo, como objetos de estudo e como métodos de pesquisa e ensino, já que, pelo próprio fato de poderem ser alvo de estudo e análise minuciosos, podem constituir um método para a compreensão dos processos educacionais e, portanto, para a formação profissional.

² Este artigo apresenta parte dos resultados de pesquisa pós-doutoral. A pesquisa, que se intitula “Uma abordagem interacionista para o estudo do papel das relações de discurso na construção de imagens identitárias em contextos de formação profissional”, realizou-se no período de outubro/2021 a julho/2022 na Universidade de Genebra, Suíça, sob a supervisão do Professor Laurent Filliettaz.

³ Algumas dessas abordagens são: Pragmática do Discurso (Roulet, 1999; Roulet et al., 2001), Análise da Conversa (Sacks et al., 1974, Schegloff, 2007), Linguística Interacional (Couper-Kuhlen e Selting, 2018). Para um panorama dos princípios gerais da perspectiva interacionista nos estudos da linguagem, cf. Kerbrat-Orecchioni (1992).

Nos últimos quinze anos, o Grupo *I&F* tem procurado compreender o papel da linguagem no âmbito da formação profissional inicial. Adotando uma perspectiva teórica e metodológica interacionista, seus estudiosos têm buscado compreender como saberes e competências necessários ao exercício de uma profissão são adquiridos pelo aprendiz em situações reais de formação. Por meio da investigação de domínios profissionais distintos, como a mecânica automobilística, a automação, a marcenaria e o domínio da educação infantil, a equipe tem adotado uma perspectiva de análise que se caracteriza por ser praxiológica, interacional e linguageira (Filliettaz, 2018; Losa e Filliettaz, 2017). Adotando tal perspectiva, os projetos conduzidos pelo grupo se interessam não pelos conhecimentos teóricos que os futuros trabalhadores recebem em escolas e centros de estudos, mas pela formação ao mesmo tempo teórica e prática que recebem em contextos reais de trabalho, no momento em que, como parte de sua formação e sob a supervisão de profissionais experientes, realizam estágios em creches, escolas, oficinas e empresas (Filliettaz, Saint-Georges e Duc, 2008; Filliettaz *et al.*, 2021).

Nesses estudos, a linguagem é entendida como um instrumento de coordenação de ações coletivas e como um recurso que permite aos interlocutores não apenas comunicarem saberes, mas sobretudo negociarem esses mesmos saberes, transformarem o ambiente em que se inserem e posicionarem-se uns em relação aos outros, construindo conjuntamente imagens identitárias e desenvolvendo habilidades necessárias à futura profissão (Filliettaz, 2014, 2019). Dessa forma, os trabalhos conduzidos pelo grupo têm mostrado como as técnicas e as habilidades necessárias ao exercício de determinada profissão são aprendidas (e apreendidas) pelo futuro profissional enquanto trabalham e por meio da linguagem que utilizam na interação com colegas de profissão, tutores e profissionais experientes. Em outros termos, “é participando de interações, que podem ou não apresentar uma natureza instrucional, que competências interacionais podem ser mobilizadas e adquiridas” (Filliettaz, 2019, p. 185).

Ainda que as contribuições do Grupo *I&F* sejam voltadas majoritariamente para a compreensão das competências interacionais mobilizadas em contexto de ensino e formação profissional, entendemos que os conceitos, as articulações teóricas e os métodos propostos por seus membros também constituem subsídios robustos para a compreensão de interações ancoradas em enquadres institucionais cuja visada primeira não é a da formação profissional, por não colocarem em cena interlocutores assumindo os papéis sociais de instrutor (formador) e aprendiz. No caso do debate televisivo, gênero de atividade por nós escolhido, ele constitui um objeto de investigação pertinente e legítimo para um estudo que, à maneira dos que desenvolve o Grupo *I&F*, dedica-se a entender o modo como atores se comportam em contexto. Afinal, o debate constitui não o registro de evento que ocorreria independentemente de seu registro para fins de pesquisa, mas como o próprio evento (Kerbrat-Orecchioni, 2017). Assim, as escolhas feitas para sua realização, dentre as quais a disposição dos atores no cenário, a captação e o enquadramento dos atores pelas câmeras e as regras gerais de tomada de turnos, são constitutivos do evento enquanto atividade historicamente constituída e alheios a interesses particulares de pesquisa (Jacquin, 2014). Em um tal corpus, o próprio registro dos atores e os impactos desse registro sobre seu comportamento já são próprios da atividade (Burger, 2002, Sandré, 2009).

Outras razões justificam o estudo desse gênero de interação neste artigo. Em primeiro lugar, é um gênero a cujo estudo temos nos dedicado nos últimos anos (Cunha, 2015, 2017, 2019, 2021a). Dessa forma, estudá-lo à luz da perspectiva analítica anunciada constitui uma contribuição complementar que esperamos trazer à sua compreensão. Em segundo lugar, sendo o debate um gênero amplamente estudado em outras perspectivas teóricas, como a Análise do Discurso, a Retórica e a Linguística Textual, um estudo que adote como arcabouço teórico e metodológico a perspectiva interacionista do Grupo I&F tem o potencial de trazer elementos suplementares à compreensão e à discussão desse gênero. Por fim, as propriedades situacionais do gênero, como certo nível de tensão entre os participantes, contexto fortemente institucional e monitorado, presença de um terceiro a quem os debatedores devem convencer (o eleitorado) e alta exposição midiática (Kerbrat-Orecchioni, 2017), fazem desse gênero um objeto de estudo particularmente interessante para uma abordagem que, como a do Grupo I&F, coloca no centro de suas preocupações a competência interacional dos participantes.

Neste estudo, apresentaremos inicialmente e em linhas gerais a perspectiva teórica e metodológica do Grupo I&F. Em seguida, à luz dos pressupostos apresentados, analisaremos um fragmento do último debate eleitoral da campanha de 2018 à Presidência da República do Brasil, verificando como os participantes da sequência selecionada se valem da linguagem para coordenar ações conjuntas.

Grupo *Interaction & Formation*: uma perspectiva interacionista para a compreensão da linguagem em interação

A apresentação que faremos dos princípios gerais da abordagem em desenvolvimento pelo Grupo I&F partirá da definição de interação proposta em seu quadro. Para as pesquisas desenvolvidas no âmbito desse grupo de pesquisa, a interação se define como:

O processo temporal e sequencialmente ordenado que ocorre quando pelo menos dois indivíduos se encontram em um espaço perceptual parcialmente partilhado, no qual eles recorrem a recursos semióticos, com o fim de conduzirem coletivamente uma ação conjunta, ela mesma indexada em práticas sociais histórica e culturalmente constituídas (Filliettaz, 2018, p. 15).

O interesse dessa definição está em articular diferentes ordens de fenômenos, como a ordem interpessoal (os processos de coordenação de ações entre dois ou mais indivíduos), a ordem semiótica (os recursos linguísticos e não-linguísticos com que os interlocutores coordenam as ações) e a ordem sócio-histórica (os ambientes institucionais em que as interações se ancoram e os saberes pré-construídos que os interlocutores mobilizam) (Filliettaz, 2014, Cunha, 2020b). É a adoção de uma concepção de interação que não focaliza apenas uma dessas ordens que permite a essa perspectiva para o estudo da interação se interessar por fenômenos relacionados “a) às condições de realização dos processos acionais, b) às condições de definição mútua das situações, c) aos processos de

posicionamento relacional e de estabelecimento da legitimidade da participação na interação” (Filliettaz e Losa, 2020, p. 50).

Na sequência deste item, especificaremos cada um desses domínios de interesses, uma vez que eles revelam, ao mesmo tempo, as fontes e inspirações teóricas do grupo e seus objetivos de pesquisa. O interesse pelos fenômenos ligados às condições de realização dos processos acionais tem como base três premissas teóricas oriundas da etnometodologia (Garfinkel, 2018[1967]) e da análise da conversa dela derivada (Schegloff, 2007). Para essas perspectivas sociológicas, os comportamentos dos membros de uma comunidade estabelecem relações estreitas e mutuamente constitutivas com as condições materiais, históricas e sociais em que são realizadas. Por isso, esses comportamentos constituem objeto de constante interpretação dos próprios membros (Filliettaz, Losa, 2020). Ligada a essa primeira premissa, a segunda, diretamente extraída da análise da conversa, entende que “a significação e a ordem das ações situadas se estabelecem conjuntamente, etapa por etapa e em um processo permanente de negociação entre os parceiros da interação” (Filliettaz e Losa, 2020, p. 51). Nesse sentido, a compreensão dos turnos de fala pelos interlocutores se dá sempre em contexto, a interpretação de um turno sendo revelada pelo modo como o interlocutor reage a ele. A terceira premissa teórica, necessária à compreensão dos processos acionais, se refere à natureza multimodal dos recursos linguageiros mobilizados na interação, que não se limitam à língua, mas abarcam a prosódia, os gestos, as posturas corporais, a direção do olhar, os objetos materiais e cênicos e o uso que é feito deles, etc.

Já o interesse pelas condições de definição mútua das situações corresponde ao entendimento dos estudiosos do Grupo I&F de que o encadeamento temporal e sequencial de turnos de fala, ou seja, o processo de coordenação de ações se ancora em realidades históricas e sociais mais amplas que permitem aos interlocutores enquadrarem a interação e, desse modo, definirem “O que é que está acontecendo aqui?” (Goffman, 2012 [1986], p. 30). Ainda que dispondo de uma natureza histórica e social, os enquadres mobilizados para definir uma interação (enquadre da conversa, do teatro, da aula, do debate, etc.) constituem não entidades rígidas, mas antes representações flexíveis sobre como agir em dado contexto e sempre abertas a negociações e transformações (Goffman, 2012 [1986]).

Por fim, o interesse pelos processos de posicionamento e legitimidade também se origina nos trabalhos de Goffman e nas teorias da polidez oriundas desses trabalhos, a exemplo de Brown e Levinson (1983). A teorização de Goffman (1981) sobre posicionamento (ou *footing*) se baseia no questionamento das noções tradicionais de falante e ouvinte, que, excessivamente idealizadas e simplistas, não captariam o que de fato ocorre ao longo de uma interação (Holt e O’Driscoll, 2021). Nesse questionamento, Goffman (1981) as desmembra em uma série de instâncias do “paradigma conversacional”, que se compõe de um *formato de produção*⁴ e de uma *estrutura de participação*⁵. No

⁴ Para o formato de produção, as categorias propostas são as de *animador* (quem produz a elocução), *autor* (quem seleciona os sentimentos e as palavras), *principal* (quem se responsabiliza pelo que é dito) e *figura* (representação do falante em enunciados em 1ª pessoa) (Goffman, 1981).

⁵ Quanto à estrutura de participação, o ouvinte pode ser um participante ratificado (oficial) ou não-ratificado (circunstantes). Se ratificado, pode ser um interlocutor endereçado (para quem o falante olha e a quem eventualmente atribui o papel de

que concerne à legitimidade, o interesse pelo estudo dessa noção ganha impulso à luz de uma perspectiva que, como a de Goffman e a dos teóricos da polidez, coloca em primeiro plano a dimensão inerentemente dramática de toda interação e o fato de que as imagens (faces) dos interlocutores, bem como noções correlacionadas (porte, tato, território, deferência, etc.) são fenômenos emergentes e dinâmicos. A partir desses estudos, entende-se que interagir implica a assunção pelos interlocutores de *status*, papéis e lugares correlacionados, o que é sempre objeto de negociações mais ou menos conflituosas e, por isso mesmo, sempre ameaçadoras para as faces em jogo. Nesse sentido, interagir é mais do que trocar e encadear turnos de fala, já que, dada a dimensão dramática da interação, é no processo mesmo de coordenar ações que negociamos (reivindicamos, exigimos, ganhamos, perdemos, reforçamos) nossa legitimidade para participar da interação (Losa e Filliettaz, 2017).

A apresentação dos domínios sobre os quais se debruçam os estudiosos do Grupo I&F evidencia uma perspectiva de análise (ou uma “mentalidade analítica” (Filliettaz, 2018, p. 53)) que se caracteriza por ser situada, endógena, reflexiva e dinâmica, na medida em que o que se busca é compreender como os interlocutores, ao longo e por meio da interação, atribuem sentidos às suas ações. É por esse motivo que, nessa perspectiva, ganha importância a noção de competência interacional. Resultante de uma discussão crítica relativa à noção de competência linguística (Mondada, 2006, Pekarek-Doehler, 2006), essa noção corresponde ao conjunto dos recursos linguísticos e não-linguísticos que os interlocutores empregam para participarem de práticas sociais (Filliettaz, 2019). Esses recursos abarcam, entre outros aspectos, o modo como os interlocutores constroem e encadeiam os turnos de fala, re/introduzem tópicos, assumem papéis sociais, organizam coletivamente a interação, posicionam-se uns em relação aos outros, estabelecem relações de discurso, narram, argumentam, descrevem, etc. (Filliettaz, 2018, 2019).

Do ponto de vista metodológico, a perspectiva de análise do Grupo I&F tem impacto sobre os procedimentos a serem adotados durante a coleta e a análise dos dados. Adotando procedimentos de natureza etnográfica (ou “naturalista” (Filliettaz, 2018, p. 31)), o grupo entende que o trabalho de pesquisa não se reduz à coleta, transcrição e análise de dados. Conforme Filliettaz (2018), adotar uma abordagem etnográfica é estar nos lugares onde ocorrem as atividades e estão (vivem, trabalham, interagem) os atores observados, o que possibilita uma familiarização mútua entre esses atores e o pesquisador. Essa mesma abordagem implica a coleta de traços das atividades observadas, como fotografias, documentos, filmagens, etc.

No que concerne especificamente às pesquisas do Grupo I&F, a constituição de um corpus áudio-videográfico constitui uma etapa incontornável do processo da pesquisa, uma vez que esse recurso permite um trabalho contínuo e sistemático sobre as interações observadas e sobre o modo como os comportamentos adotados se encadeiam e se sincronizam (Filliettaz, 2018). E, assim como na tradição da análise da conversa de orientação etnometodológica, recorre-se à atividade de transcrição, entendida essa atividade como um procedimento que “visa a tornar disponível para fins de análise e de maneira detalhada um conjunto de propriedades das interações situadas que se referem tanto aos conteúdos

falante) ou não-endereçado. Se não-ratificado, o interlocutor pode ser um ouvinte que, por acaso e sem intenção deliberada, capta fragmentos da fala ou um ouvinte “intrometido”, que explora intencionalmente o acesso à fala (Goffman, 1981).

trocados quanto às dimensões paraverbais e não-verbais das atividades observadas” (Filliettaz, 2018, p. 41). No quadro 1, apresentamos as convenções propostas pelo Grupo I&F para a realização de transcrições, as quais, conforme Filliettaz (2018), podem ser adaptadas (simplificadas ou complexificadas) em função dos interesses de pesquisa.

Quadro 1. Convenções de transcrição

Símbolo	Significado
MAIÚSCULA	Segmento acentuado
/	Entonação ascendente
\	Entonação descendente
+segmento+	Aumento do volume da fala
°segmento°	Diminuição do volume da fala
XX	Segmento incompreensível
(segmento)	Segmento cuja transcrição é incerta
:	Alongamento silábico
Segmen-	Truncamento
.	Pausas de duração variável
>	Relação de alocação (LOC1 > LOC2)
<u>Sublinhado</u>	Tomadas de fala em recobrimento
<item>	Reguladores verbais
((comentário))	Comentário do transcritor relativos a deslocamentos corporais, condutas gestuais ou ações não-verbais
[#1]	Índice remetendo à posição da imagem na transcrição

Fonte: Filliettaz (2018, p. 49).

Apresentados, em linhas gerais, a concepção teórica e procedimentos metodológicos utilizados na perspectiva de análise proposta pelo Grupo I&F, realizaremos breves considerações sobre o interesse de se adotar essa perspectiva no estudo de um fragmento de um debate eleitoral. Como informado na introdução, analisaremos neste trabalho um fragmento de um debate eleitoral da campanha à Presidência da República do Brasil, ocorrida em 2018. Promovido pela Rede Globo, ele ocorreu no primeiro turno eleitoral, em 04/10/2018 (quinta-feira), três dias antes da votação em 07/10/2018 (domingo). Como no segundo turno não houve debates, o debate escolhido foi o último dessa campanha⁶. Dada a natureza midiática do corpus escolhido, não nos foi possível estar no local onde a atividade (o debate) ocorreu e estabelecer elos com os atores observados. Além disso, a filmagem de que nos valemos não foi por nós realizada; utilizamos a que está disponível no site da

⁶ O debate completo está disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/05/veja-a-integra-do-debate-na-globo.ghtml>.

No YouTube, o debate está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=epDDSEVnLmI>. Acesso: 01 nov. 2021.

emissora responsável por sua realização. Ainda assim, entendemos que os princípios teóricos e metodológicos do Grupo I&F, anteriormente expostos, podem ser aplicados na compreensão desse corpus.

Afinal, por não ter sido realizado para fins de pesquisa e por constituir um produto midiático, o debate disponível no site da emissora e em outras plataformas, como YouTube, deve ser entendido, como informado na introdução, não como o registro de um evento que ocorreria independentemente de seu registro para fins de pesquisa (como uma aula, uma entrevista de emprego ou uma reunião de trabalho), mas como o próprio evento (Kerbrat-Orecchioni, 2017). Nesse sentido, o próprio vídeo e as escolhas feitas para sua realização (como a seleção dos atores envolvidos, a disposição dos atores no cenário, a organização do cenário e a seleção dos objetos e recursos de palco que o compõem, a captação e o enquadramento dos atores pelas câmeras, as regras gerais de tomada de turnos, etc.) são constitutivos do evento enquanto atividade historicamente constituída e totalmente alheios a interesses particulares de pesquisa (Jacquin, 2014). Em um tal corpus, o próprio registro dos atores e de suas falas e os impactos que advêm desse registro sobre seu comportamento já são constitutivos da atividade, o que torna desnecessárias considerações do pesquisador relativas aos vieses que o registro de interações autênticas possa acarretar para a pesquisa e seus resultados (Burger, 2002, Sandré, 2009). Nesse sentido, entendemos que um debate eleitoral televisivo constitui um objeto de investigação pertinente e legítimo para um estudo que, adotando uma concepção etnográfica de pesquisa, dedica-se a entender o modo como atores se comportam em contexto, mobilizando e desenvolvendo uma competência interacional.

Análise interacional de um fragmento de debate eleitoral

Do debate selecionado participaram os seguintes candidatos: Alvaro Dias (Podemos), Ciro Gomes (PDT), Fernando Haddad (PT), Geraldo Alckmin (PSDB), Guilherme Boulos (Psol), Henrique Meirelles (MDB) e Marina Silva (Rede), além do moderador, jornalista William Bonner. No estúdio onde se realizou o debate, o púlpito onde dois adversários por vez trocavam perguntas, respostas, réplicas e tréplicas se localizava na parte central, os adversários se encontravam na parte posterior do estúdio, o moderador se situava diante do púlpito e dos adversários, ladeado pelos cinegrafistas, e a plateia se localizava atrás do moderador. O cenário caracterizou-se, assim, como uma arena. A figura 1 mostra uma imagem geral do estúdio, captada nos momentos iniciais da transmissão do debate.

Figura 1. Imagem geral do estúdio



Fonte: Rede Globo.

O trecho selecionado para análise, transcrito a seguir, começa aos 26m19 e termina aos 28m54 do debate; participam da passagem considerada o moderador e dois candidatos, Fernando Haddad e Guilherme Boulos.

Fragmento “ditadura nunca mais”: 26:19 – 28:54

1. BONNER > HADDAD: o próximo candidato a fazer pergunta agora é Fernando Haddad do PT/ segundo o sorteio de que participaram já os assessores de todos os partidos\ ((Haddad se dirige ao púlpito)) candidato Haddad/ a quem o senhor quer fazer a pergunta/
2. HADDAD > BONNER: pra . quais candidatos eu posso fazer a pergunta/ ((indicador da mão esquerda erguido))
3. BONNER: Boulos e Alvaro Dias\
4. HADDAD: °Boulos\°
5. BONNER: Guilherme Boulos por favor do Psol/ ((silêncio de 6 seg. enquanto Boulos se dirige ao púlpito))
6. HADDAD: ((ao longo de toda a intervenção, olha predominantemente para a câmera)) Boulos eu te escolhi porque você é um candidato SÉrio\ ((olha para Boulos [#1])) e eu queria perguntar pra você ((olha para Boulos [#2])) o seguinte/ há três candidatos que apoiam o governo Temer/ Henrique Meirelles Geraldo Alckmin e o deputado há vinte e oito anos anos Jair Bolsonaro\ só falam em cortar direitos\ . Bolsonaro agora veio com a ideia de cortar o décimo terceiro/ abono deférias/ cobrar imposto de renda dos pobres que são isentos/ cortar o bolsa família e introduzir a cpmf\ [#3] o que qui você acha disso/
7. BOULOS: ((silêncio de 5 seg., Boulos respira fundo aos 27:16, tem o olhar captado pela câmara, arregala os olhos [#4] e olha para Haddad, antes de iniciar a resposta. A ação de arregalar os olhos é acompanhada de risos da plateia. Ao longo de toda a intervenção, Boulos olha alternadamente para Haddad e para a câmera)) olha Haddad/ eh:: sua pergunta é muito importante e verdadeira\ coloco essas questões\ mas eu quero falar aqui de outra coisa que eu acho que num: num merece riso porque o momento é grave\ num dá pra gente fingir que tá tudo bem: nós tamo há meses fazendo uma campanha que tá marcada pelo ódio\ . faz trinta anos que esse país saiu de uma ditadura\ .. muita gente morreu\ . muita gente foi torturada/ . tem mãe que não conseguiu enterrar o seu filho até hoje\ .. outro dia eu conversava com meu sogro/ e ele contava das torturas que sofreu durante a ditadura militar\ .. faz trinta anos mas eu acho que a gente nunca teve tão perto/ . disso que aconteceu

naquele momento\ se nós tamo aqui hoje podendo discutir o futuro do Brasil/
é porque teve gente que derramou sangue/ . pra ter democracia\ ((*olha para a
câmera* [#5])) se você vai poder votar no domingo é porque teve gente que deu
a vida pra isso\ .. ((*respira fundo*)) e olha/ .. quando eu nasci o Brasil
tava numa ditadura\ .. eu não quero que as minhas filhas/ . cresçam no país
com uma ditadura\ . sempre começa assim/ . arma/ com tudo se resolve na
porrada/ . que a vida do ser humano não vale nada/ .. eu acho que nós temo
que dar um grito nesse momento colocar a bola no chão e dizer/ ditadura nunca
mais\

8. HADDAD > BOULOS: (*muito bem*\)

9. PLATEIA: (*aplausos e gritos*)

10. BONNER: eu peço por favor à plateia que não se manifeste por gentileza\

Figura 2. #1



Figura 3. #2



Figura 4. #3



Fonte: Rede Globo.

Figura 5. #4



Figura 6. #5



Fonte: Rede Globo.

Na parte inicial do trecho, o moderador expressa esclarecimentos relativos às regras do debate, por meio de uma asserção. Ao dizer, no turno 1, “o próximo candidato a fazer pergunta agora é Fernando Haddad do PT/ segundo o sorteio de que participaram já os assessores de todos os partidos\”, Bonner evidencia que o debate constitui um evento regrado ou um evento ao qual subjazem regras cuja obediência cabe a ele, enquanto moderador, garantir. Assim, a fala inicial de Bonner evidencia não só regras a que os atores estão submetidos (cada um precisa esperar sua vez de falar, e as tomadas de fala ocorrem numa ordem sequencial pré-estabelecida), mas também qual é o papel social que ele assume nesse contexto (moderador) e quais são as ações inerentes a esse papel (gerir a alocação dos turnos de fala, convidar candidatos a se dirigirem ao púlpito, relembrar acordos previamente feitos com políticos

e assessores, etc.). Desse modo, a fala de Bonner contribui para enquadrar o evento como pertencente a um determinado evento de fala (debate eleitoral).

A ação de Haddad de se dirigir ao púlpito constitui sua reação à fala de Bonner. Com essa reação, o candidato endossa e legitima o papel assumido por Bonner, porque evidencia sua compreensão de que a asserção do moderador constitui, na verdade, um pedido indireto para que ele se dirija ao púlpito e de que Bonner tem legitimidade para agir desse modo. A reação de Haddad contribui, desse modo, para a manutenção do enquadre do debate. Outro seria o efeito se, por exemplo, o candidato se recusasse a se dirigir ao púlpito ou se outro candidato se dirigisse ao púlpito, questionando a vez de Haddad de tomar a palavra. Nessa parte inicial do trecho, temos então uma troca formada por uma intervenção iniciativa de pedido (fala de Bonner – turno 1) e por uma intervenção reativa de aceitação ou consentimento, a qual se materializa não linguisticamente, mas por meio da ação de Haddad de se dirigir ao púlpito.

Ao final do turno 1, Bonner inicia nova troca, ao perguntar “candidato Haddad/ a quem o senhor quer fazer a pergunta?”. Em seguida, Haddad, antes de responder à pergunta, inicia uma negociação secundária, em que, por meio de uma troca subordinada de clarificação (Cunha, 2021b), demanda um esclarecimento: “pra . quais candidatos eu posso fazer a pergunta?”. Como é próprio das trocas desse tipo (Cunha, 2021b), o candidato, com a pergunta, questiona a completude da intervenção de Bonner, revelando que a julgou insuficientemente adequada para o contexto, por não trazer todas as informações de que necessita para reagir. Por isso, a abertura dessa troca por Haddad coloca em risco a face de Bonner, que, enquanto moderador, vê publicamente questionada sua capacidade de elaborar uma intervenção adequada para o contexto do debate. Com essa troca, iniciada pela pergunta “pra . quais candidatos eu posso fazer a pergunta?”, o candidato torna público que, de seu ponto de vista, a pergunta previamente feita por Bonner é insuficientemente informativa, não lhe permitindo reagir adequadamente, ou seja, indicar a qual adversário fará a pergunta. E, quando um dos participantes tem seu comportamento sistematicamente avaliado como inadequado pelos demais, a própria compreensão do enquadre do evento (ou do que de fato estão fazendo ali) pode sofrer abalo e ser objeto de negociações (Cunha, 2021b).

Contudo, no caso em análise, a troca aberta por Haddad é pontual e recai sobre o conteúdo da pergunta de Bonner (insuficientemente informativa), não sendo questionadas abertamente as habilidades do moderador ou sua legitimidade para assumir esse papel, o que seria mais ameaçador para sua face. Dando continuidade à negociação secundária, Bonner responde (“Boulos e Alvaro Dias”, turno 3) e Haddad ratifica (“Boulos”, turno 4).

Nesse momento, com o turno 5, Bonner inicia nova troca iniciativa por meio da intervenção “Guilherme Boulos por favor do Psol”, na qual a expressão “por favor”, enquanto marcador indicativo de ato ilocucionário (Cunha, 2021c), torna inequívoco o valor de pedido do ato, ainda que este seja produzido de forma lacunar. Assim como Haddad, Boulos reage afirmativamente ao pedido, demonstrando sua compreensão, ancorada na troca previamente desenvolvida por Bonner e Haddad, de que ele deve se dirigir ao púlpito. Agindo desse modo, Boulos também legitima o papel de Bonner

como o responsável por gerir o evento e, com base nas regras previamente acordadas, mas constantemente atualizadas ao longo do evento, por alocar os turnos de fala entre os participantes.

Em seguida, Haddad faz a Boulos uma pergunta complexa, já que se constitui não de um único ato, mas de três intervenções (Roulet et al., 2001). A primeira possui uma função metadiscursiva, porque, com ela, o candidato esclarece inicialmente o motivo da escolha de Boulos como interlocutor endereçado (“Boulos eu te escolhi porque você é um candidato SÉrio\ ((*olha para Boulos*))”) e anuncia que fará uma pergunta (“e eu queria perguntar pra você ((*olha para Boulos*)) o seguinte”). Ao justificar sua escolha, Haddad estabelece uma relação de argumento (“porque você é um candidato SÉrio\”) cuja função é a de se antecipar a possíveis objeções (de correligionários, de adversários ou até mesmo de Boulos) relativas ao motivo de sua escolha, a relação funcionando, assim, como uma estratégia antecipada de proteção de face (Cunha, 2020a). A ação de Haddad de olhar para Boulos no momento em que acentua a primeira sílaba do item “SÉrio” pode contribuir para reforçar junto a Boulos e aos demais participantes da interação a pertinência de sua justificativa (a seriedade do adversário) (Fig. 2 - #1). Mas, como o olhar de Haddad, ao longo de sua pergunta, está voltado sobretudo para a câmera, essa ação contribui ainda para “lembrar” a Boulos que ele é seu interlocutor endereçado. O candidato repete a ação de olhar para Boulos quando utiliza o item “você”, ao anunciar que uma pergunta será feita (Fig. 3 - #2). Reforça-se, dessa forma, a indicação de que o interlocutor endereçado de Haddad é Boulos e não o eleitorado (câmera) e de que Haddad busca desenvolver uma troca com Boulos, troca que se inicia com a pergunta.

Na segunda intervenção de sua pergunta (“há três candidatos que apoiam o governo Temer/ (...) cortar o bolsa família e introduzir a cpmf”), Haddad critica adversários e, em especial, um dos candidatos, ausente do debate (Jair Bolsonaro), listando propostas nocivas à população que este anunciou durante a campanha. Ainda que, como visto, Haddad, no início de sua pergunta, tenha utilizado o item “você” e direcionado o olhar em duas ocasiões para Boulos, indicando ser este seu interlocutor endereçado, o candidato, ao realizar as críticas, olha apenas para a câmera e não utiliza o pronome *você*, o que contribui para reenquadrar a interação (Fig. 4 - #3). Nesse processo de reenquadre da interação, o candidato abandona a troca de pergunta e resposta com Boulos e, mantendo o olhar em direção à câmera, estabelece uma interlocução direta com o eleitorado, a quem busca alertar. Mas, na terceira e última intervenção constitutiva da pergunta de Haddad, este restabelece o enquadre da troca de pergunta e resposta com Boulos, ao perguntar: “o que que você acha disso?”. Com o pronome “você”, Haddad indica que a interlocução direta com o eleitorado foi um enquadre momentâneo; com o pronome “isso”, encapsulando as críticas feitas, indica que esse enquadre deve ser entendido como subordinado ao enquadre da troca com Boulos.

Na resposta de Boulos, o ato de respirar fundo, o silêncio de 5 segundos e, durante esse tempo, suas expressões faciais (Fig. 5 - #4) permitem ao candidato fazer supor que ele produzirá uma reação inesperada ou uma ação despreferida. E, de fato, o candidato inicia sua fala estabelecendo uma relação de contra-argumento, sinalizada pelo *mas*, por meio da qual revela que não responderá à pergunta de Haddad, mas que aproveitará a ocasião para tratar de assunto que considera mais importante (“olha

Haddad/ eh:: sua pergunta é muito importante e verdadeira\ coloco essas questões\ mas eu quero falar aqui de outra coisa que eu acho que num: num merece riso porque o momento é grave\”).

À esquerda do conector *mas*, o segmento “olha Haddad/ eh:: sua pergunta é muito importante e verdadeira\ coloco essas questões\” tem uma clara função ritual, na medida em que, com esse segmento, Boulos busca salvar a face do adversário e sua própria face. Afinal, a pergunta coloca aquele a quem é endereçada no dever de responder (Kerbrat-Orecchioni, 2000). Se este infringe essa expectativa e opta por dar outro direcionamento à troca, essa ação pode motivar o surgimento de implicaturas, sempre nocivas para as faces em jogo (a pergunta não é pertinente e não deve ser respondida, a pergunta não é suficientemente clara, aquele a quem a pergunta é endereçada não entendeu ou desconhece a resposta, aquele a quem a pergunta é endereçada menospreza seu autor e seus questionamentos, etc.) (Kerbrat-Orecchioni, 2000, Levinson, 2007). Na tentativa de evitar implicaturas como essas e as objeções que delas podem surgir, Boulos menciona a importância e o interesse da pergunta e, assim, elogia o adversário.

Por sua vez, o segmento à direita do conector confirma a expectativa criada pelo silêncio de 5 segundos e pelas expressões faciais que anteciparam o turno de que o candidato adotará uma ação despreferida e não responderá à pergunta de Haddad (“eu quero falar aqui de outra coisa”). Com a adjetiva restritiva que acompanha essa sentença (“que eu acho que num: num merece riso porque o momento é grave\”) e que trata da importância e da gravidade do assunto, Boulos justifica a adoção dessa ação despreferida ou do comportamento desviante. Esse segmento à direita do *mas* possui ainda uma função metadiscursiva, por constituir um anúncio do que será dito. Combinados, esses recursos mobilizados pelo candidato contribuem para o aumento da expectativa sobre o que ele dirá e como dará sequência à troca iniciada com a pergunta de Haddad.

No restante de sua intervenção, Boulos se vale de diferentes recursos linguísticos e não-linguísticos para alertar o eleitorado de que a eleição do então candidato Jair Bolsonaro, não mencionado explicitamente em sua fala, representa o perigo do retorno da ditadura militar, dado o alinhamento desse candidato com os valores da extrema direita e suas declarações de apoio aos governos militares do período ditatorial no Brasil.

Do ponto de vista textual, o segmento é fortemente argumentativo, na medida em que, no que se refere à macroestrutura do trecho, é possível identificar as proposições típicas da sequência argumentativa (Adam, 1992). O candidato apresenta uma tese (“eu acho que a gente nunca teve tão perto/ . disso que aconteceu naquele momento\”) e busca sustentá-la com argumentos. Alguns desses argumentos se baseiam na representação do que se viu ou ouviu durante a campanha (“sempre começa assim/ . arma/ com tudo se resolve na porrada/ . que a vida do ser humano não vale nada/”), mas a maior parte deles constitui a menção de práticas cometidas pelos governos ditatoriais contra oponentes (“muita gente morreu\ . muita gente foi torturada/ . tem mãe que não conseguiu enterrar o seu filho até hoje\ ..”). Para personificar de forma mais intensa as vítimas do regime militar, o candidato faz uma breve representação de um relato de um parente (“outro dia eu conversava com meu sogro/ e ele contava das torturas que sofreu durante a ditadura militar\”) e expressa seu temor de que as práticas de tortura possam voltar a ocorrer no futuro, atingindo as novas gerações (“eu não quero que as minhas

filhas/ . cresçam no país com uma ditadura\ .”). Os argumentos apresentados conduzem diretamente à conclusão com que Boulos encerra sua intervenção: “eu acho que nós temo que dar um grito nesse momento colocar a bola no chão e dizer/ ditadura nunca mais\”.

Do ponto de vista prosódico, o candidato combina a entonação descendente indicando o final de um movimento periódico (Roulet et al., 2001) com pausas de maior ou menor duração, como neste segmento: “tem mãe que não conseguiu enterrar o seu filho até hoje\ ..”. Se numa conversa esses recursos sinalizam um lugar relevante para a transição, ou seja, a sinalização de que o interlocutor pode tomar a palavra (Sacks et al., 1974), no debate em análise, em que o momento e a duração da fala são predeterminados, esses recursos contribuem para diminuir a velocidade da fala e criar um ritmo mais marcado, imprimindo maior dramaticidade e ênfase às informações expressas em cada movimento.

Do ponto de vista lexical, cabe chamar a atenção para o uso dos pronomes e expressões pronominais e para os efeitos interacionais desse uso, já que, por meio desses termos, o candidato busca implicar fortemente o eleitorado a quem se dirige. Boulos se vale dos termos “nós” e “a gente” para se referir às pessoas que foram e que poderão ser afetadas pela volta de um governo ditatorial, como neste trecho: “eu acho que *a gente* nunca teve tão perto/ . disso que aconteceu naquele momento\”, sugerindo que a eleição de um candidato de extrema direita pode ser nociva para todos *nós* e não apenas para determinada parcela da população. E em apenas uma ocasião, após referir-se aos que foram mortos pelo regime militar (“teve gente que derramou sangue/ . pra ter democracia\”), Boulos se dirige explicitamente ao eleitor (“(*olha para a câmera* [#5]) se você vai poder votar no domingo é porque teve gente que deu a vida pra isso\ .. (*respira fundo*)”). Nesse trecho, o candidato combina o uso do pronome *você* e o direcionamento do olhar para a câmera, sinalizando explicitamente que seu interlocutor endereçado é o eleitor e não mais Haddad. Com isso, ele reenquadra a interação como um diálogo direto com o eleitor, que busca alertar. E, a fim de realçar a gravidade do alerta que faz, Boulos, ao final desse segmento, acrescenta a recursos prosódicos já mencionados (a entonação descendente e a pausa longa) uma respiração profunda.

A fala de Boulos recebe duas reações que evidenciam que seus interlocutores compreenderam sua intervenção como um alerta. Enquanto Haddad diz “muito bem\”, expressando não só concordância com as proposições apresentadas, mas sua compreensão de que o adversário buscou causar um impacto junto ao espectador, a plateia aplaude e dá gritos de apoio. Essas reações, que constituem ratificações da fala do candidato, evidenciam que, do ponto de vista do adversário e da plateia presente no estúdio, Boulos produziu uma intervenção suficientemente adequada para o contexto. Outra seria a interpretação se, encerrada sua fala, a plateia vaiasse o candidato e o adversário pedisse esclarecimentos, externasse dúvidas, expressasse discordância. Nesse sentido, a fala de Boulos permitiu a ele tentar não só reforçar sua legitimidade enquanto candidato à presidência, mas também valorizar sua imagem enquanto candidato defensor dos valores democráticos.

Ao final do segmento em análise, Bonner intervém, pedindo à plateia que não se manifeste (“eu peço por favor à plateia que não se manifeste por gentileza\”). O moderador elabora seu pedido da forma mais clara e explícita possível, ao se valer de três marcadores ilocucionários (Cunha, 2021c): o marcador denominativo “eu peço” e os marcadores potenciais “por favor” e “por gentileza”. Agindo

dessa forma, o moderador evita qualquer ambiguidade que seu pedido possa conter, evidenciando, ainda que de maneira polida, que a ação da plateia de se manifestar constitui um comportamento desviante. Por meio dessa ação, Bonner, mais uma vez, não só explicita e relembra parte do conjunto das regras que subjazem ao encontro, mas também reivindica legitimidade para gerir esse encontro, desempenhando o papel de moderador.

Considerações finais

Neste trabalho, procuramos apresentar a perspectiva analítica para o estudo da linguagem em desenvolvimento pelo Grupo *Interaction & Formation*, sediado na Universidade de Genebra. Adotando uma perspectiva interacionista para o estudo da linguagem, esse grupo entende a interação como um fenômeno resultante de três ordens de fatores: a coordenação de ações pelos interlocutores, a ancoragem da interação em representações sócio-históricas e a mobilização de recursos multimodais.

Essa concepção da interação está na base das decisões tanto teóricas quanto metodológicas que caracterizam as contribuições do Grupo I&F, dentre as quais se podem destacar i) o estudo de sequências de interações efetivamente produzidas no contexto da formação profissional, o que implica o trabalho com registros áudio-visuais e transcrições que registram as linguagens verbal e não-verbal (Filliettaz, 2018); ii) a consideração do ponto de vista dos interactantes sobre o que se passa na interação e do modo como cada interactante reage ao turno anteriormente produzido, interpretando-o; iii) a compreensão de que a materialidade linguística constitui não um arsenal pré-definido de instrumentos de representação do mundo, mas antes recursos maleáveis de que os interactantes se valem para agir e construir conjuntamente o contexto de que participam, o domínio desses recursos sendo parte importante de sua competência interacional (Pekarek Doehler, 2006, Filliettaz, 2009, 2014, 2018, 2019a). É essa perspectiva interacionista que permite ao grupo desenvolver estudos que focalizam o modo como os interlocutores, sobretudo em ambientes de formação profissional, se valem dos recursos linguísticos e não-linguísticos para interagirem e, ao interagirem, negociarem o sentido dos turnos que encadeiam sequencial ou simultaneamente, posicionarem-se uns em relação aos outros, legitimarem papéis sociais, realizarem a gestão das faces envolvidas, organizarem a interação, negociando seu caráter mais ou menos regrado, etc.

Na presente contribuição, analisamos um evento de fala pouco estudado no âmbito do Grupo *Interaction & Formation*, o debate eleitoral. Aplicando ao estudo de um fragmento de um debate os princípios gerais propostos pelo grupo, foi possível evidenciar de que maneira, nesse fragmento, os participantes se valem da linguagem verbal e não-verbal enquanto recursos para coordenarem ações e, nesse processo de coordenação de ações, definirem conjuntamente *o que se passa aqui*. Vimos que tanto o moderador quanto os candidatos fazem emergir expectativas que subjazem ao encontro, revelando seu caráter regrado e sócio-historicamente constituído, e negociam essas mesmas expectativas, revelando que os sentidos e a própria interação são fenômenos emergentes, flexíveis e altamente contextualizados. O interesse de uma tal perspectiva de análise está, assim, em revelar que os comportamentos verbais e não-verbais mobilizados em uma interação constituem traços emergentes

da competência interacional dos interlocutores e que, por isso, seu estudo pode ter aplicações bastante frutíferas não só nos domínios da educação e da formação profissional, mas também em domínios como o midiático.

Referências

- ADAM, J. M. 1992. *Les textes: types et prototypes*. Paris, Nathan, 220 p.
- BENVENISTE, E. 1976. *Problemas de Linguística Geral I*. São Paulo, Ed. Nacional, Ed. Universidade de São Paulo, 321 p.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. 1983. *Politeness: some universals in language use*. Cambridge, Cambridge University Press, 285 p.
- BURGER, M. 2002. Encenações discursivas na mídia: o caso do debate-espetáculo. In: I. L. MACHADO; H. MARI; R. MELLO (orgs.), *Ensaio em análise do discurso*. Belo Horizonte, Núcleo de Análise do Discurso/Faculdade de Letras/UFGM, p. 201-222.
- COUPER-KUHLEN, E.; SELTING M. 2018. *Interaccional Linguistics: studying language in social interaction*. Cambridge, Cambridge University Press, 589 p. <https://doi.org/10.1017/9781139507318>
- CUNHA, G. X. 2015. As relações retóricas e a negociação de faces em debate eleitoral. *Confluência*, **47**:205-238. <https://doi.org/10.18364/rc.v1i47.30>
- CUNHA, G.X. 2017. O papel dos conectores na co-construção de imagens identitárias: o uso do mas em debates eleitorais. *ALFA*, **61**:599-623. <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1711-6>
- CUNHA, G. X. 2019. Caracterização e funcionamento da refutação em debate eleitoral. *Cadernos de Letras da UFF*, **30**(59):147-176. <https://doi.org/10.22409/cadletrasuff.2019n59a696>
- CUNHA, G. X. 2020a. Elementos para uma abordagem interacionista das relações de discurso. *Linguística*, **36**:107-129. <https://doi.org/10.5935/2079-312X.20200017>
- CUNHA, G. X. 2020b. Uma abordagem interacionista para o estudo do papel das relações de discurso na construção conjunta de imagens identitárias. *Filologia e Linguística Portuguesa*, **22**:151-170. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v22i2p151-170>
- CUNHA, G. X. 2021a. O processo de negociação e o alcance da completude monológica em debate eleitoral. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, **60**:155-170. <https://doi.org/10.1590/01031813634601420191003>
- CUNHA, G. X. 2021b. Para uma caracterização formal e funcional da troca subordinada de clarificação. *DIACRITICA*, **35**:207-228. <https://doi.org/10.21814/diacritica.532>

- CUNHA, G. X. 2021c. Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso. *Revista do GEL*, **18**:10-34. <https://doi.org/10.21165/gel.v18i1.3071>
- FILLIETTAZ, L. 2000. *Actions, activités et discours*. Genebra. Tese de Doutorado. Universidade de Genebra – UNIGE, 403 p.
- FILLIETTAZ, L. 2006. La place du contexte dans une approche praxéologique du discours. Le cas de l'argumentation dans les interactions scolaires. *Pratiques*, **129-130**:71-88. <https://doi.org/10.3406/prati.2006.2097>
- FILLIETTAZ, L. 2014. L'interaction langagière: un objet et une méthode d'analyse en formation des adultes. In: J. FRIEDRICH ; J.C.P. CASTRO (orgs.), *Recherches en formation des adultes : un dialogue entre concepts et réalité*. Dijon, Éditions Raison et Passions, p. 127-162.
- FILLIETTAZ, L. 2018; *Interactions verbales et recherche em éducation: principes, méthodes et outils d'analyse*. Genebra, Section des sciences de l'éducation.
- FILLIETTAZ, L. 2019. La compétence interactionnelle: un instrument de développement pour penser la formation des adultes. *Education permanente*, **220/221**:185-194.
- FILLIETTAZ, L. ; DE SAINT-GEORGES, I. ; DUC, B. 2008. *Vos mains sont intelligentes ! Interactions en formation professionnelle initiale*. Genebra, Université de Genève, Faculté de psychologie et des sciences de l'éducation.
- FILLIETTAZ, L.; LOSA, S. 2020. Les compétences interactionnelles comme objet et méthode de recherche. In: L. FILLIETTAZ; M. ZOGMAL (orgs.), *Mobiliser et développer des compétences interactionnelles en situation de travail éducatif*. Toulouse, Octarès Éditions, p. 17-34.
- FILLIETTAZ, L. et al. 2021. Interactions verbales et formation des adultes. *Savoirs*, **56**:11-51. <https://doi.org/10.3917/savo.056.0011>
- GARFINKEL, H. 2018 [1967]. *Estudos de etnometodologia*. Petrópolis, Vozes, 482 p.
- GOFFMAN, E. 2012 [1986]. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis, Vozes, 576 p.
- GOFFMAN, E. 1983. The Interaction Order. *American Sociological Review*, **48**(1):1-17. <https://doi.org/10.2307/2095141>
- GOFFMAN, E. 1981. Footing. In: E. GOFFMAN, *Forms of talk*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, p. 124-159.
- GUMPERZ, J. J. 1982. *Discourse strategies*. Cambridge, Cambridge University Press, 27 Op. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511611834>
- HOLT, E.; O'DRISCOLL, J. 2021. Participation and footing. In: M. HAUGH; D. Z. KÁDÁR; M. TERKOURAFI (eds.), *The Cambridge Handbook of Sociopragmatics*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 298-341. <https://doi.org/10.1017/9781108954105.009>

- JACQUIN, J. 2014. *Débatte*: l'argumentation et l'identité au coeur d'une pratique verbale. Bruxelles, De Boeck Supérieur, 320 p.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. 1992. *Les interactions verbales*. Paris, Armand Colin, 295 p.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. 2000. *Les actes de langage dans le discours*: théorie et fonctionnement. Paris, Armand Colin, 187p.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. 2017. *Les débats de l'entre-deux-tours des élections présidentielles françaises*: constantes et évolutions d'un genre. Paris, L'Harmattan, 340 p.
- LEVINSON, S. C. 2007. *Pragmática*. São Paulo, Martins Fontes, 502 p.
- LOSA, S.; FILLIETTAZ, L. 2017. Negotiating Social Legitimacy in and across Contexts: Apprenticeship in a 'Dual' Training System. In: J. ANGOURI; M. MARRA; J. HOLMES (eds.), *Negotiating Boundaries at Work: Talking and Transitions*. Edinburgh, Edinburgh University Press, p. 109-129.
- MONDADA, L. 2006. La compétence comme dimension située et contingente, localement évaluée par les participants. *Bulletin suisse de linguistique appliquée*, **84**:83-119.
- MONDADA, L. 2019. Contemporary issues in conversation analysis: Embodiment and materiality, multimodality and multisensoriality in social interaction. *Journal of Pragmatics*, **145**:47-62. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2019.01.016>
- PEKAREK DOEHLER, S. 2006. Compétence et langage en action. *Bulletin suisse de linguistique appliquée*, **84**:09-45.
- ROULET, E. 1999. *La description de l'organisation du discours*. Du dialogue au texte. Paris, Didier, 224 p.
- ROULET, E.; FILLIETTAZ, L.; GROBET, A. 2001. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Berne, Peter Lang, 314p.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.A.; JEFFERSON, G. 1974. A simplest systematics for the organization of turn taking in conversation. *Language*, **50**:696-735. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-623550-0.50008-2>
- SANDRÉ, M. 2009. Débat politique télévisé et stratégies discursives : la visée polémique des ratés du système des tours. In: M. BURGER; J. JACQUIN; R. MICHELI (orgs.), *Le français parlé dans les médias*: les médias et le politique. Lausanne, Centre de linguistique et des sciences du langage, p. 01-13.
- SCHEGLOFF, EA. 2007. *Sequence organization in interaction: a primer in Conversation Analysis I*. Cambridge, Cambridge University Press, 311 p. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511791208>

Submetido: 08/11/2021

Aceito: 22/03/2022